

ALFAGUARA

Fleur Jaeggy

Felizes anos de castigo

Tradução de Ana Cláudia Santos



Aos catorze anos, eu era aluna interna num colégio do Appenzell. Região onde Robert Walser deu muitos passeios quando estava no manicómio, em Herisau, não longe do nosso instituto. Morreu na neve. Fotografias mostram as suas pegadas e a posição do corpo na neve. Nós não conhecíamos o escritor. Nem a nossa professora de Literatura o conhecia. Por vezes penso que deve ser bonito morrer assim, depois de um passeio, deixar-se cair num sepulcro natural, na neve do Appenzell, depois de quase trinta anos de manicómio, em Herisau. É realmente uma pena que não soubéssemos da existência de Walser, teríamos colhido uma flor para ele. Também Kant, antes de morrer, se comoveu quando uma desconhecida lhe ofereceu uma rosa. No Appenzell, é impossível não dar passeios. Se olharmos para as pequenas janelas debruadas de branco e para as flores buliçosas e incandescentes nos peitoris, percebemos uma estagnação tropical, um luxuriar refreado, temos a impressão de que dentro acontece alguma coisa de serenamente turvo e um pouco doentio. Uma Arcádia da doença. Lá dentro, naquela nitidez, parece haver paz

e um idílio de morte. Uma exultação de cal e flores. Fora das janelas, a paisagem convoca, não é uma miragem, é um *Zwang*, como se dizia no colégio, uma imposição.

Eu estudava Francês, Alemão e Cultura Geral. Não estudava de todo. Da literatura francesa só recordo Baudelaire. Todas as manhãs me levantava às cinco para dar um passeio, subia ao cume e via uma fatia de água do outro lado, lá em baixo, ao fundo. Era o Lago de Constança. Contemplava o horizonte e o lago, ainda não sabia que também naquele lago haveria um colégio para mim. Comia uma maçã e caminhava. Procurava a solidão e talvez o absoluto. Mas invejava o mundo.

Aconteceu um dia, durante o almoço. Estávamos todas sentadas. Chegou uma rapariga, uma aluna nova. Tinha quinze anos, cabelo liso como lâminas, brilhante, olhos severos e penetrantes, sombrios. O nariz aquilino, os dentes, quando se ria, e ria-se pouco, eram aguçados. Uma bela fronte alta, onde os pensamentos se podiam tocar, onde gerações passadas lhe haviam transmitido talento, inteligência, fascínio. Não falava com ninguém. O aspeto era o de um ídolo, desdenhoso. Talvez por isso eu desejasse conquistá-la. Não tinha humanidade. Parecia até enojada. A primeira coisa que pensei: ela tinha ido mais longe do que eu. Quando nos levantámos, aproximei-me dela e disse-lhe: «*Bonjour.*» O seu *Bonjour* foi rápido. Apresentei-me, nome e apelido, como uma recruta, e, depois de ouvir o seu, a conversa parecia ter acabado. Deixou-me ali, na sala de jantar, no meio das outras raparigas que tagarelavam. Uma espanhola

contou-me algo com um tom animado, mas não lhe prestei atenção. Ouvia um burburinho de várias línguas. Durante todo o dia, a nova aluna não se mostrou, mas de noite estava pontualmente de pé, atrás da sua cadeira. Imóvel, parecia velada. Ao sinal da diretora, sentamo-nos todas e, passados uns instantes de silêncio, o burburinho recomeça. No dia seguinte, é ela quem me cumprimenta primeiro.

Nas vidas nos colégios, cada uma de nós, se tiver um pouco de vaidade, constrói a própria imagem, uma espécie de vida dupla, inventa uma maneira de falar, de caminhar, de olhar. Quando vi a caligrafia dela, fiquei sem fala. Quase todas as nossas caligrafias eram parecidas, indefinidas, infantis, os *O* redondos, largos. A dela era completamente artificial. (Vinte anos mais tarde, vi algo de semelhante numa dedicatória de Pierre Jean Jouve, num exemplar de *Kyrie*.) Como é natural, fingi não ter ficado admirada, quase não olhei para ela. Mas, às escondidas, pratiquei. E ainda hoje escrevo como Frédérique, e dizem-me que tenho uma letra bonita e interessante. Não sabem quanto a exercitei. Naquele tempo não estudava, e nunca estudei, porque não tinha vontade, recortava reproduções dos expressionistas alemães e de crônicas de crimes. E colava-as num caderno. Dei-lhe a entender que me interessava por arte. Assim, Frédérique concedeu-me a honra de me deixar acompanhá-la nos corredores e nos seus passeios. Na escola, ela era — parece-me inútil dizê-lo — a melhor. Sabia já tudo, das gerações que

a haviam precedido, creio. Tinha algo que as outras não tinham, não me restava senão justificar o seu talento como um dom dos mortos. Bastava ouvi-la na sala de aula a ler os poetas franceses, tinham descido até ela, ela acolhia-os. Nós éramos talvez ainda inocentes. E a inocência tem em si talvez uma certa rudeza e afetação, um certo pedantismo, como se todas nós estivéssemos vestidas com calções pelo joelho.

Vínhamos do mundo inteiro, muitas americanas e holandesas. Havia uma rapariga de cor, como hoje se diz, uma negrita, de cabelo encaracolado, uma boneca que admirávamos no Appenzell. Um dia, o pai trouxe-a. Era o presidente de um Estado africano. Foi escolhida uma rapariga de cada nação para formar uma fileira frente à entrada do Bausler Institut. Uma ruiva belga, uma sueca loira, a italiana, a rapariga de Boston, todas aplaudiam o presidente, alinhadas com as suas bandeiras na mão, e formávamos deveras o mundo. Eu estava na terceira fila, a última, ao lado de Frédérique. O capuz da minha canadiana de lã na cabeça. À frente — se o presidente tivesse um arco, a flecha tê-la-ia atingido no coração —, a diretora do colégio, a senhora Hofstetter, alta, corpulenta, cheia de dignidade, o sorriso afundado na gordura. Ao lado dela, o marido, o senhor Hofstetter, magro, pequeno e tímido. Içaram a bandeira suíça. Na hierarquia, a rapariguinha negra era a mais importante. Fazia frio, ela usava um casaco azul em forma de sino, com uma gola em veludo de um azul mais escuro. Devo confessar que no Bausler

Instituído o presidente negro causou sensação. O chefe de Estado africano teve confiança na família Hofstetter. Algumas raparigas não apreciaram a pompa com que o presidente foi recebido. Diziam que todos os pais deviam ser iguais. Encontra-se sempre alguma aluna subversiva, escondida num colégio. São os primeiros sintomas do seu pensamento político, ou daquilo a que se poderia chamar uma ideia geral do todo. Frédérique tinha uma bandeira suíça na mão, parecia estar a segurar uma vara. A rapariga mais nova fez uma reverência e ofereceu um ramo de flores silvestres. Não me lembro se a negrita chegou a ter alguma amiga. Víamo-la muitas vezes de mão dada com a diretora, que a levava a passear ela própria, a senhora Hofstetter, talvez com medo de que a comêssemos. Ou de que não se mantivesse pura. Nunca jogou ténis.

Frédérique tornava-se mais distante de dia para dia. Por vezes ia ter com ela ao seu quarto. Eu dormia numa outra casa, ela estava com as mais velhas. Por uma diferença de poucos meses, fui obrigada a ficar com as mais novas. No meu quarto havia uma alemã, esqueci-me do nome dela, de tal maneira era desinteressante; ofereceu-me um livro sobre os expressionistas alemães. O armário de Frédérique estava arrumadíssimo, eu não sabia como dobrar as camisolas para que nem um centímetro ficasse fora do sítio, e tinha má nota em arrumação. Aprendi com ela. Dormindo em duas casas diferentes, parecia que estávamos separadas por uma geração. Um dia, encontrei na minha caixa

postal um bilhete amoroso, era uma miúda de dez anos a implorar-me para ser minha protegida, queria fazer par comigo. De impulso respondi que não, com maus modos, e ainda hoje o lamento. Também o lamentei então, naquele momento, depois de ter respondido que não queria uma irmã, que não me interessava proteger uma miudinha. Começara a ser malcriada porque Frédérique me escapava e tinha de a conquistar, porque seria demasiado humilhante perder. Olhei demasiado tarde para a pequena, depois de a ter ofendido. Era verdadeiramente bonita, atraente, tinha perdido uma escrava, sem retirar daí nenhum prazer.

Desde aquele dia, a miudinha não me dirigiu mais a palavra, nem me cumprimentou. Como se vê, eu ainda não aprendera a arte de mediar, ainda pensava que para obter alguma coisa era preciso ir direito ao objetivo, ao passo que são somente as distrações, a vagueza, a distância que nos aproximam do alvo, é o alvo que nos atinge. No entanto, com Frédérique eu usava uma tática. Tinha uma certa experiência da vida num colégio. Era aluna interna desde os oito anos. E é nos dormitórios que se conhecem as companheiras, em frente dos lavatórios, nas horas de recreio. A minha primeira cama num colégio estava rodeada de cortinas brancas, coberta por uma colcha de piqué branca. A mesa de cabeceira também era branca. Um falso quarto, seguido por outros doze. Uma espécie de promiscuidade casta. Ouvem-se as respirações. A minha companheira de quarto do Bausler era uma alemã, ajuizada e má, como podem ser as raparigas estúpidas. O seu corpo, na roupa interior alva, era muito belo. Tinha formas quase generosas, mas eu sentia uma

certa repugnância se inadvertidamente lhe tocava. Talvez por isso me levantava tão cedo de manhã para ir dar um passeio. Pelas onze, durante as aulas, caía de sono. Olhava por uma janela, e a janela devolvia-me o olhar, fazendo-me adormecer.

Eu e Frédérique estávamos não só em casas diferentes durante a noite, como também em turmas diferentes durante o dia. À mesa, não ficávamos perto uma da outra, mas eu conseguia vê-la. E ela finalmente olhava para mim. Talvez também eu fosse interessante. Atraíam-me os expressionistas alemães e a vida, os crimes, que ainda não tinha vivido. Conteí-lhe que aos dez anos insultara uma madre superiora, chamando-lhe «vaca». Que palavra simples, envergonhei-me da minha simplicidade quando lho contei. Fui expulsa do colégio. «Peça perdão», disseram. Não me desculpei. Frédérique riu-se. Teve a cortesia de me perguntar porque o tinha feito. E pouco a pouco comecei a falar de mim quando tinha oito anos. Na altura, jogava à bola com os rapazes e puseram-me num colégio lúgubre. Ao fundo de um corredor lúgubre, ficava a capela. À esquerda, uma porta. Dentro, uma madre superiora, diáfana, delicada, que se ocupou de mim. Acariciava-me com as suas mãos finas e macias, eu sentava-me ao lado dela como se fosse uma amiga. Um dia, desapareceu. Em seu lugar, veio uma opulenta suíça do cantão

de Uri. Como se sabe, o novo poder odeia as antigas favoritas. Um colégio é como um harém.

Frédérique disse-me que eu era uma esteta. Uma palavra nova para mim, mas que fez imediatamente sentido. A sua caligrafia era de esteta, isso compreendi. O seu desprezo por tudo era de esteta. Frédérique escondia o seu desprezo atrás da obediência, da disciplina, era respeitosa. Eu ainda não sabia fingir. Era respeitosa com a diretora Frau Hofstetter, porque a temia. Estava pronta a curvar-me perante ela. Frédérique nunca precisou de se curvar, porque a sua forma de respeitar os outros incutia respeito. E eu observava-a. Uma vez, talvez para me distrair da atenção que dedicava a Frédérique, aceitei um encontro com um rapaz de um colégio vizinho, o Rosenberg. Um encontro breve. Viram-me. A senhora Hofstetter chamou-me ao gabinete. Era larga como um armário, um *tailleur* azul, uma blusa branca, um alfinete. Ameaçou-me. Eu disse-lhe que era só um parente. Com efeito: a mãe do parente tinha-lhe escrito, recomendando expressamente que tivessem atenção para que eu não me encontrasse com ele. Fingi chorar. Ela comoveu-se. Para onde fora toda a força que eu tinha aos oito anos, a segurança, o meu controlo? Aos oito anos não havia nenhuma rapariga que ocupasse os meus pensamentos. Eram todas iguais, todas detestáveis, mesquinhas. Ainda hoje não consigo dizer que me tinha apaixonado por Frédérique, é uma frase muito fácil de dizer.

Naquele dia, tive medo de ser expulsa. Uma manhã, os pequenos-almoços eram fragrantes, molhei o pão na chávena. A diretora, depois de me ter batido na mão,

mandou-me levantar. Aos oito anos, teria pegado na chávena e tê-la-ia arremessado à cara da diretora. Como se atrevia a ofender-me? Frédérique comia mantendo os cotovelos colados ao busto. Nunca um cotovelo seu pousou na mesa. Desprezava também a comida? Era tão perfeita. Quando caminhávamos juntas, o que agora acontecia todos os dias, nós as duas, sozinhas, por vezes caminhava à minha frente, e eu olhava para ela. Tudo nela era correto, harmonioso. Por vezes punha-me a mão no ombro e parecia que aquilo devia durar assim para sempre, entre os bosques, nas montanhas, nos caminhos, *une amitié amoureuse*, como dizem os franceses. Aludiu a um homem. Eu não tinha nada para dizer sobre aquele tema, só um parente. E uma governanta. Mas não era a mesma coisa. Uma governanta, uma freira, uma companheira de colégio, fazem parte de uma unidade. Frédérique aludiu a um homem como a uma parábola cumprida. À noite, quando voltei para o quarto que partilhava com a alemã, refleti. Talvez sejamos especialistas em mulheres, nós que passámos os nossos melhores anos em colégios. E quando sairmos, já que o mundo estava dividido em dois, masculino e feminino, conheceremos também o masculino. Será que alguma vez terá a mesma intensidade? Perguntava a mim mesma se conquistá-los seria tão difícil como com Frédérique.

Apesar dos passeios quotidianos com Frédérique, das confidências, da ternura, sentia que ainda não a conquistara. O meu termo de comparação era a força. Tinha de a conquistar, ela tinha de me admirar. Frédérique não concedia a ninguém a sua presença, e por vezes

preferia estar sozinha a estar comigo. Eu entediava-me. Não lia, olhava-me ao espelho, escovava o cabelo, cem passagens com a escova, fingia adorar a Natureza. Frédérique, já me dera conta, não se olhava ao espelho. Como me apaixonava com ela pelas árvores, pelas montanhas, pelo silêncio e pela literatura. A vida para mim estava a tornar-se um pouco longa. Tinha já passado sete anos no colégio, e ainda não chegara ao fim. Quando estamos lá dentro, imaginamos coisas grandiosas sobre o mundo, e, quando saímos, gostaríamos por vezes de voltar a ouvir o som da campainha.

É curioso que nos colégios onde estive houvesse uma escassez de homens nos arredores. Ou velhos ou loucos ou guardiões. No Appenzell, lembro-me de homens velhíssimos, aleijados, de uma pastelaria e de uma fonte. Se quiséssemos um pouco de mundanidade, íamos à pastelaria, nunca estava lá ninguém, mas pela rua passava um velho. Durante muito tempo, acreditei que aquelas que estiveram num colégio, como Frédérique e eu, e um dia recordá-lo-emos, podem viver do nada, quando forem velhas e desiludidas. A campanha toca, levantamo-nos. Toca outra vez, vamos dormir. Recolhemos aos nossos quartos, vemos a vida passar pelas janelas, pelos livros, pela alternância das estações, pelos passeios. Sempre refletida, um reflexo que parece congelado nos peitoris. E talvez vejamos por vezes uma figura alta e marmórea ressaltar perante os nossos olhos: é Frédérique que passa pela nossa vida — e talvez queiramos voltar para trás, mas já não precisamos de nada. Imaginámos o mundo. Que mais se pode imaginar, senão a própria morte? Um toque de campanha e acabou tudo.

Mas retomemos esta pequena história. Frédérique descrevia-me a cor das folhas, recordo as nossas conversas sempre rodeadas pela frescura. A professora de Literatura Francesa admirava-a, talvez a considerasse uma Brontë. E detestava-me. Queria ir ela passear com Frédérique. Era uma mulher feia, não conhecia senão a literatura francesa, pela qual guardava devoção. Quando ela falava, eu bocejava. Como já referi, a vida estava a tornar-se demasiado longa para mim. A literatura por si só não me distraía, mas sobretudo precisava de me preparar para as conversas com Frédérique. Tinha lido algumas frases de Novalis sobre o suicídio e sobre a perfeição.

«Mas o que se passa?», «Em que pensas?», perguntava-me ela. Finalmente perguntou-me em que pensava eu. Um ponto a meu favor. Pensava numa coisa só: entrar no mundo. E nunca o teria confessado. Nada, respondia a Frédérique. Não penso em nada. Houve vezes, enquanto estávamos juntas a falar, em que pensei nela, na sua beleza, na sua inteligência, em alguma coisa de perfeito que havia nela. Passaram tantos anos, e ainda torno a ver o seu rosto, um rosto que busquei noutras mulheres, que nunca encontrei. Era muito íntegra. Uma coisa perigosa. Nunca tive a simplicidade de lho dizer, nem de lhe confessar a minha admiração, já que desde o primeiro dia senti, apesar de uma certa inferioridade minha em relação a ela, que, antes de nos ligarmos, tínhamos de superar certas fases. Como numa batalha. E tinha de conquistá-la. Era tudo tão elevado

e tenso, pesavam-se as palavras, o tom, a maneira, era preciso um certo exercício mental. Pergunto-me se, depois de algumas semanas, em vez de falar, tivéssemos começado a abraçar-nos. Teria sido impensável. Nunca demos a mão. E tê-lo-íamos achado ridículo. Viam-se pelos caminhos rapariguinhas de mão dada, a rirem-se, a «fazerem de amigas», a fazerem de amantes. Em nós, havia uma espécie de fanatismo que impedia qualquer efusão física.

A professora de Francês parecia um homem triste, sobretudo à luz, perto da janela, sentada atrás da secretária. Interrogava-me. Eu não respondia. O cabelo era ondulado, grisalho, curto, as mãos como as de um padre, unidas. No seu olhar austero havia quase uma tentativa de mendigar, uma súplica nunca concedida, uma pureza, ousaria até dizer, a pureza dos derrotados, que é uma mistura de desespero efêmero e de casmurrice. Resistem. Ensinam até ao fim, no leito de morte. Leem um penúltimo poema. Ela continua a interrogar-me, pondo-se em pé. Quer bater-me? Eu estava vazia, tomara-me uma espécie de abulia, como costumava acontecer-me por volta do meio-dia, tinham passado sete horas desde o meu passeio matinal. Sete horas são quase as horas dos trabalhadores, que querem menos. Despreza-me. Deve estar a perguntar-se porque é que Frédérique anda comigo, sinto-o no seu olhar. Talvez o compreendesse. Não conseguia ler um livro, no armário o meu compartimento estava vazio, folheava os livros de Frédérique, mas tudo o que exigia uma aprofundação

estava para lá das minhas forças. No que diz respeito às forças, digamos, espirituais, Frédérique consumia-me bastante; quando me falava de literatura, naqueles momentos eu ficava realmente interessada, e tinha de estar à altura das suas reflexões, mas mesmo quando falava comigo eu tinha momentos de ausência.

A obra-prima de uma escritora de culto, tão enigmática quanto fascinante, publicada pela primeira vez em Portugal. Este romance é um salvo-conduto para o mundo de duas mulheres unidas por uma amizade peculiar, e para a prosa feroz e elementar de Fleur Jaeggy.

«Passaram tantos anos, e ainda torno a ver o seu rosto, um rosto que busquei noutras mulheres, que nunca encontrei. Era muito íntegra. Uma coisa perigosa. [...] Nunca demos a mão. E tê-lo-íamos achado ridículo. Viam-se pelos caminhos rapariguinhas de mão dada, a rirem-se, a 'fazerem de amigas', a fazerem de amantes. Em nós, havia uma espécie de fanatismo que impedia qualquer efusão física.»

Felizes anos de castigo conta a história de uma rapariga à procura de si mesma, num colégio interno suíço, nos anos 1950. Respira-se aqui uma atmosfera densa de cativo, sensualidade inconfessada e alienação. A protagonista é uma rapariga incomum, que se deixa fascinar por uma outra, bela, sofisticada e inteligente. Entre elas nasce uma relação ambígua, de luz e sombra. Num estilo límpido mas pleno de frémito, Fleur Jaeggy faz reverberar nesta narrativa a corda secreta de um mundo apartado da realidade, onde se vê, numa voragem, «a vida passar pelas janelas». *Felizes anos de castigo* pertence a uma linha do tempo mais indefinida do que a época ou as pessoas que retrata: desenrola-se na memória, essa espécie de século à parte dos outros.



«A caneta de Fleur Jaeggy é como a agulha de um entalhador a desenhar as raízes, os galhos e os braços da árvore da loucura — uma prosa extraordinária. Tempo de leitura: quatro horas. Tempo de recordação: a vida inteira.»



JOSEPH BRODSKY

**Prémio Bagutta ★ Prémio Speciale Rapallo
Prémio Boccaccio Europa ★ Prémio John Florio**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)
 [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897849787



9 789897 849787 >